

Joana Villaverde: o autorretrato de Deus

A arte anterior a esta talvez tenha sido a das crianças vendadas, que se colocam no centro de uma roda, e que aos poucos descobrem, num arrepio íntimo que depois não nos larga, que toda a adivinhação é, afinal, reconhecimento, e que todo o reconhecimento (mesmo o daqueles que estão espantosamente próximos) é, afinal, adivinhação. Foi assim, parece-me, com os 30 rostos que Joana Villaverde multiplicou numa grelha de imagens individuais (Construção, 2003), pois o reconhecimento adivinhado ou a adivinhação cognescente não é senão a experiência de que todo o real continuará, face às estratégias de análise, inapreensível, transumante, fugaz. O nosso (real) mais ainda que o dos outros, pois desses rostos sucessivamente repetidos e ensaiados Joana Villaverde escreveu: «acho que este trabalho é [apenas] o retrato da minha construção».

É mais um retrato, ou melhor, é ainda o retrato que Joana Villaverde busca neste misterioso patamar simbólico do sétimo dia, onde o relato teológico judeo-cristão coloca o fecho da construção do mundo. Enquanto nos primeiros seis dias da criação o mundo se constrói de forma laboriosa e activa, ao sétimo dia apresenta-se, na metáfora de um Deus que descansa, a plenitude do repouso contemplativo como sua verdadeira finalidade. Mas não se trata aqui de um espaço de ócio para a recuperação das forças em vista de um recomeço: trata-se de afirmar maximamente uma actividade de um novo tipo, um gesto criativo absolutamente inédito: transformar o tempo em templo e habitar essa realidade transfigurada.

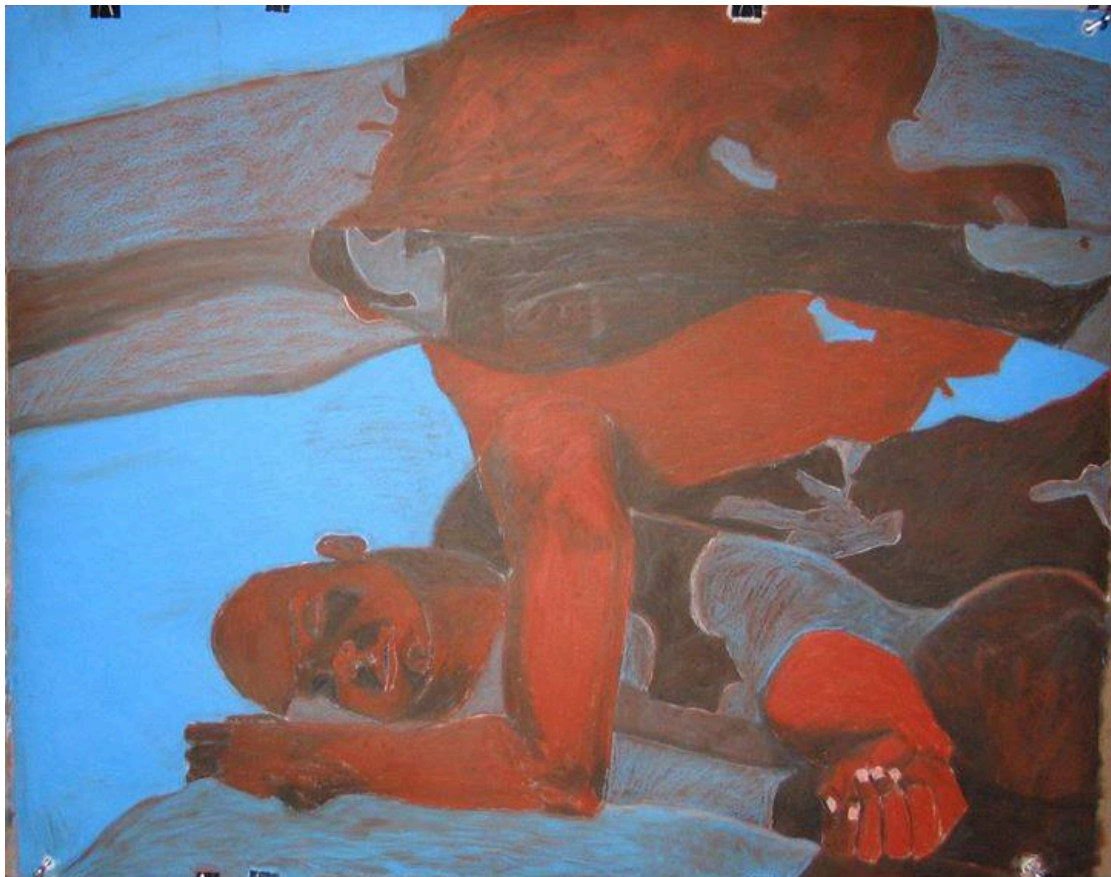
No seu tratado “Da Pintura Antiga” sugere Francisco de Holanda «ser Deos [um] pintor evidentissimo», pois se toda a pintura se constrói partindo de dois princípios, a «lux/claro» e o «escuro/sombra», nas obras de Deus estão o exemplo e a substância dessa arte. Atribuir a Deus o título de pintor parece até nem ser uma invenção de Francisco de Holanda: há quem a

faça remontar a Empédocles, outros dizem ter sido Clemente de Alexandria a transmiti-la ao mundo medieval, onde o mestre português a teria apreendido como uma das fórmulas advocativas comuns na abertura de discursos semelhantes ao seu. Importa-me, porém, esta anotação de Francisco de Holanda, porque ela ilumina a acção do olhar sobre o trabalho de Joana Villaverde.

E permite-nos, talvez, chegar a um silogismo (improvável como todos os silogismos) que se enunciaria assim:

- A. A pintora nos múltiplos retratos manipula apenas o seu retrato.
- B. Deus é o pintor evidentíssimo.
- C. A pintora trabalha apenas o autorretrato de Deus.

José Tolentino Mendonça



150 x 120 cm oil pastel on paper, 2005 (aprox)